

## NOÇÕES DE INFORMAÇÃO: proposta analítica para *isquares*

NOTIONS OF INFORMATION: an analytical proposal for *isquares*

### Ilda Janaina Sobreira Cruz

[janacruzpoetisa21@gmail.com](mailto:janacruzpoetisa21@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/0160488037985988>

<https://orcid.org/0000-0002-0587-7333>

Especializada em Gramática e Literatura pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN).  
Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

### Maria Jéssica Sousa Lima

[jessicasousamj@gmail.com](mailto:jessicasousamj@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/6957891578737181>

<https://orcid.org/0000-0002-2164-3625>

Graduanda no bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

### Vitória Santos Ângelo

[vitoria.angelo@aluno.ufca.edu.br](mailto:vitoria.angelo@aluno.ufca.edu.br)

<http://lattes.cnpq.br/3052446882920571>

<https://orcid.org/0000-0002-6789-4964>

Graduanda no bacharelado em Biblioteconomia pela UFCA.

### Dr. Lucas Almeida Serafim

[lucas.almeida@ufca.edu.br](mailto:lucas.almeida@ufca.edu.br)

<http://lattes.cnpq.br/8413756820860572>

<https://orcid.org/0000-0002-2019-0652>

Doutor e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).  
Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do curso de Biblioteconomia e do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da UFCA.

*Submetido: 29 dez. 2020*

*Publicado: 15 jun. 2021*

### RESUMO

Apresenta resultados preliminares do Estudo Interdisciplinar *Isquare*, o qual utiliza artes (*arts-informed research*) e, especificamente, a técnica “desenhe e escreva”, para responder à questão “O que é informação?”. Especificamente, desenvolve interesse por investigar: a) como as pessoas visualizam o conceito de informação; b) como as concepções visuais de informação diferem entre as comunidades, disciplinas e níveis acadêmicos; c) como as imagens relacionam-se com as definições expressas em palavras. Através de pesquisa bibliográfica, propõe um instrumento analítico-conceitual para os *isquares*, um neologismo em língua inglesa pela junção das palavras *i* (abreviatura de *information* – informação) e *square* (quadrado, referência ao formato 4,25” por 4,25” dos desenhos), traduzidos em língua portuguesa como “quadrado de informação”, a serem coletados no segundo ano de pesquisa, na Universidade Federal do Cariri. Baseado nas viradas metateóricas da informação de Hartel (2019), da Faculdade de Informação da Universidade de Toronto, Canadá, e criadora do protocolo *isquare*, apresenta noções gerais de informação a serem empregadas na interpretação de metáforas e demais conteúdos visuais retratados nos *isquares*. Categorizadas de modo não exclusivo, nem tampouco conclusivo, sobretudo por sua natureza qualitativa, elenca abordagens de informação pautadas em vertentes

tradicionais de informação (como a física e a cognitivista, centradas no interesse pela função epistêmica da informação nos processos de aprendizagem das pessoas), bem como pontos de vistas alternativos (como a incorporada e a contemplativa, fundamentadas em percepção holística sobre práticas de informação contemporâneas, as quais incluem contextos de informação não-convencionais/informais). Por fim, ressalta a utilidade do instrumento tanto para o grupo de pesquisadores do Estudo Interdisciplinar *Isquare* quanto para os iniciantes/estudantes, profissionais e acadêmicos do campo da informação, especialmente para a Biblioteconomia, na busca por uma visão ampla e variada do fenômeno informacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** *isquare*; pesquisa visual; técnica desenhe e escreva; pesquisa arte-informada.

### ABSTRACT

This article presents preliminary results from the *Isquare* Interdisciplinary Study, which uses the arts-informed method and, specifically, the "draw and write" technique, to answer the question "What is information?". Specifically, it investigates a) how people view the concept of information; b) how the visual conceptions of information differ between communities, disciplines, and academic levels; c) how the images relate to the definitions expressed in words. Through bibliographic research, it proposes an analytical-conceptual instrument for the *isquares*, a neologism in English by combining the words *i* (a shortened form of the word information) and *square* (due to the format 4,25" x 4,25" of the drawings), to be collected in the second year of research, at the Federal University of Cariri, Brazil. Based on the metatheoretical turns of information by Hartel (2019), from the Faculty of Information at the University of Toronto, Canada, and creator of the *isquare* protocol, it presents general notions of information to be used in the interpretation of metaphors and other visual contents portrayed in the *isquares*. Categorized in a non-exclusive and not conclusive way, especially because of its qualitative nature, it lists information approaches based on traditional aspects of information (such as physics and cognitivism, which are centered on interest in the epistemic function of information in people's learning processes), as well as alternative points of view (such as the embodied and the contemplative, which are based on a holistic perception of contemporary information practices, which includes non-conventional or informal information contexts). Finally, it highlights the usefulness of the instrument both for the group of researchers in the *Isquare* Interdisciplinary Study and for beginners/students, professionals, and academics in the field of information, especially from Library and Information Science, which look for a broadened view of the informational phenomenon.

**KEYWORDS:** *isquare*; visual research; draw-and-write technique; arts-informed research.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de pesquisa em andamento intitulada “Estudo Interdisciplinar *Isquare*”, fomentado pelo Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnologia (PIICT) e Grupo de Pesquisa “O Lado Prazeroso e Profundo da Informação”, da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Os estudos de informação baseados nos **isquares** – um neologismo em língua inglesa pela junção das palavras **i** (abreviatura de *information* – *informação*) e **square** (quadrado, em referência ao formato e tamanho 4,25” por 4,25” dos desenhos), traduzidos em língua portuguesa como “quadrado de informação” – são fundamentados em metodologias visuais, especificamente esclarecidas por meio de artes (*arts-informed research*), com uso da técnica “desenhe e escreva” (SERAFIM *et al.*, 2016).

O método ou protocolo *isquare* é originário de pesquisa canadense, realizada pela Escola de Informação da Faculdade de Toronto, chefiada pela professora Dr. Jenna Hartel. Por meio dos *isquares*, estreita-se os laços entre a pesquisa visual e os estudos do campo da informação, fazendo-se alusão às operações visuais e mentais, os processos e formas dinâmica de criação de desenhos, e a nobre tarefa de esclarecer uma questão-chave para os estudiosos em informação: “O que é informação?”. O Estudo Interdisciplinar *Isquare*, adaptando o programa de pesquisa canadense, visa explorar: a) como as pessoas visualizam o conceito de informação; b) como as concepções visuais de informação diferem entre as comunidades (por exemplo, disciplinas e níveis acadêmicos); c) como as imagens relacionam-se com as definições expressas em palavras.

Gorichanaz (2017, p. 2) descreve a Ciência da Informação como uma área do conhecimento “altamente centrífuga”, corroborando a assertiva de Cibangu (2010, p. [7], tradução nossa) sobre o seu objeto de estudo – a informação – “um assunto tão vasto e fugaz que necessita de uma visão mais completa possível para as questões investigadas”. Nesta mesma perspectiva, Cox, Griffin e Hartel (2017) propõem um olhar mais holístico para as experiências de informação, o qual tem sido praticado pelos pesquisadores de informação mediante a triangulação ou, como denomina Fidel (2008), uma mistura de métodos de pesquisa (*Mixed Methods Research* – MMR).

Segundo Mason (2006 *apud* BAGNOLI, 2009, p. 248, tradução nossa), esta postura investigativa “[...] pode encorajar o pensamento ‘fora da caixa’, gerando novos meios de interrogar e compreender o social”. Já Kari e Hartel (2007, p. 1143, tradução nossa) observam que “considerando o fato de que as coisas maiores não são o principal território de nosso campo de pesquisa, a pesquisa de informação deveria utilizar teorias, metodologias e achados relevantes em outras disciplinas”, potencializando benefícios para ambas as áreas de conhecimento. Em alguns casos, o contexto da pesquisa pode requerer o uso de “métodos exóticos” aos olhos das investigações tradicionais (KARI; HARTEL, 2007, p. 1143).

É neste contexto de necessárias variações metodológicas que fundamentam abordagens holísticas sobre informação que se identifica a relevância dos estudos visuais, incluindo os que utilizam o protocolo *isquare*. Bagnoli (2009) observa que as entrevistas são os meios mais comuns para coleta de dados, as quais estão centradas na dimensão linguística dos campos investigados. A autora, contudo, esclarece que a linguagem é apenas uma das muitas dimensões que constituem as nossas experiências diárias, “[...] que incluem a visual e a sensorial, que possuem valor de investigação, mas que não são facilmente expressadas em palavras” (BAGNOLI, 2009, p. 547, tradução nossa).

Prosser e Loxley (2008) consideram a abordagem visual um meio mais profundo e mais efetivo de se analisar analiticamente o cotidiano dos mundos sociais, refletindo sobre todas as coisas visuais ou visualizáveis, melhorando a nossa capacidade comunicativa e sensorial, e refletindo de modo mais completo sobre a diversidade das experiências humanas. Já Wagner (2002), corrobora com a ideia de que os artefatos visuais – fotografias, pinturas, desenhos, vídeos – são meios de estender as investigações sociológicas para além do que está cientificamente estabelecido.

Presente na antropologia, no fim do século XIX, e na sociologia, a pesquisa visual oferece à Ciência da Informação meios para a investigação sobre variadas manifestações de informação, garantindo, no ponto de vista de Hartel e Thomson (2012, p. 2222, tradução nossa), “[...] sofisticação metodológica e interdisciplinaridade”. Pode ser utilizada tanto como metodologia, ao orientar todo o processo de planejamento da pesquisa, ou, de modo específico, como meio de coleta de dados, em estudos classificados como multimetodológicos. Do ponto de vista epistemológico, a pesquisa visual comporta tanto o pensamento da teoria social moderna, por meio de uma visão realística (e objetiva) dos espaços retratados (ou imaginados, no caso dos *isquares*), bem como de elementos simbólicos passíveis de análises interpretativas (HARTEL; THOMPSON, 2012; WARNER, 2002). Dentre as razões em favor do uso de imagens na pesquisa social, indica-se:

- 1) Imagens podem ser utilizadas para capturar o inefável, difícil expressar em palavras;
- 2) Imagens chamam a nossa atenção para coisas de um modo novo;
- 3) Imagens são mais propensas a serem memoráveis;
- 4) Imagens podem ser utilizadas para comunicação de um modo mais holístico, incorporando múltiplas dimensões, evocando histórias e questões;
- 5) Imagens podem garantir entendimento e generalizações de modo mais empático;
- 6) Através de metáfora e símbolos, imagens artísticas podem transportar a teoria de modo elegante e eloquente;
- 7) Imagens encorajam o conhecimento incorporado;
- 8) Imagens podem ser mais acessíveis do que muitas das outras formas do discurso acadêmico;
- 9) Imagens podem facilitar a reflexão no planejamento da pesquisa;
- 10) Imagens podem provocar ação para a justiça social (WEBER, 2008 *apud* HARTEL; THOMPSON, 2012, p. 2215, tradução nossa).

Apesar de promissora, esta corrente metodológica ainda é pouco explorada, seja pelos estudos de informação seja por estudiosos das demais ciências sociais. A pesquisa visual, embora proeminente para descrever ou representar a cultura visual e imagética da contemporaneidade, possui histórico de invisibilidade e luta para firmar-se como alternativa metodológica para pesquisadores quantitativos e qualitativos, que ainda tendem a traduzir as suas observações empíricas em palavras e números (HARTEL; THOMPSON, 2012; HARPER, 1998; PROSSER; LOXLEY, 2008). A linguagem é “[...] a mídia privilegiada para criação e comunicação do conhecimento” (BAGNOLI, 2009, p. 547, tradução nossa).

Há variadas possibilidades de análise, configuração e apresentação dos *isquares*, em atividades com diferentes propósitos de aprendizagem e compreensão do escopo dos fenômenos informacionais. Há ainda a possibilidade de estender o método do *isquare* para outros conceitos, como já exercitaram Thurler e Cavalcanti (2017) com o conceito de “conhecimento”, ou *ksquare* (a letra k abrevia a palavra *knowledge*).

Neste artigo, apresenta-se resultados preliminares do primeiro ano de pesquisa do Estudo Interdisciplinar *Isquare*, os quais, através de pesquisa bibliográfica, geraram um instrumento analítico-conceitual para os futuros *isquares*, a serem coletados no período seguinte.

## 2 METODOLOGIA

A execução do plano de pesquisa no período de agosto de 2019 a julho de 2020 foi consideravelmente afetada pelo período pandêmico em curso. De fato, a implementação da pesquisa, especialmente a coleta de dados, a ser realizada em sala de aula com estudantes do curso de Biblioteconomia da UFCA, não foi concretizada. Enquanto novos modos de coleta de dados e apresentação estão sendo reelaboradas, como o protocolo *isquare online* proposto por Joseph e Hartel (2017), apresenta-se neste artigo o resultado da construção de um instrumento teórico, através de pesquisa bibliográfica, a ser utilizado para a análise dos futuros *isquares*.

A pesquisa bibliográfica e/ou documental, juntamente com a pesquisa de campo, estrutura o Estudo Interdisciplinar *Isquare*, o qual pode ser classificado como do tipo exploratório-descritivo. Enquanto a pesquisa documental compreende todos os dados originais coletados – sejam eles nas formas oral, escritos ou visuais – a pesquisa bibliográfica se dedica ao conhecimento já produzido sobre determinado objeto de estudo. Segundo Cervo e Bervian (1983, p. 55), a pesquisa bibliográfica

[...] explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre determinado assunto, tema ou problema

Em estudo anterior (SERAFIM *et al.*, 2016), com público de programas de mestrado e doutorado em Ciência da Informação de 12 países (incluindo o Brasil), a categorização dos *isquares* foi realizada mediante variadas formas pré-definidas pelo grupo de estudo canadense e estas foram associadas à algumas tendências de concepções de informação. Nos *modos de representação e organização da informação*, por exemplo, foram previstos:

- a) nenhuma;
- b) textos, rabiscos, números;
- c) códigos binários;
- d) símbolos, pontuações, *emoticons*;
- e) flechas, linhas;
- f) notações musicais;
- g) diagramas, equações, fórmulas;
- h) assuntos, tópicos, disciplina;
- i) formas geométricas, caixas;
- j) redes sociais;
- k) marcas;
- l) mobília de escritório;
- m) balões de falas;
- n) balões de pensamento;
- o) outros.

Abordagens cognitivas da informação, por exemplo, foram associadas metaforicamente às representações de balões de pensamento, conforme Figura 1.

**Figura 1:** A perspectiva cognitiva nos *isquares*



**Fonte:** Serafim *et al.* (2016, p. 72).

No Estudo Interdisciplinar *Isquare*, é proposto, de modo inverso, a predefinição de categorias conceituais que sintetizem as principais concepções metateóricas da informação, conforme proposto por Hartel (2019). O nível metateórico é o mais alto de abstração em que se descreve uma determinada área do conhecimento. Com base nestas categorias gerais, definidas de modo não exclusivo nem tampouco conclusivo (isto é, não se constituem em categorias absolutas, imutáveis, mas são fruto de visões contextualizadas de informação), são elencadas noções de informação a serem, na próxima fase da pesquisa, utilizadas como lentes para a compreensão dos conteúdos visuais elaborados pelos participantes. Ressalta-se que a elaboração deste instrumento de pesquisa também resulta da atividade de aprofundamento teórico da equipe do Estudo Interdisciplinar *Isquare*, formada por docentes e discentes de Graduação em Biblioteconomia da UFCA.

### 3 NOÇÕES DE INFORMAÇÃO

O que é informação? Na Era da informação, especialmente no âmbito das disciplinas ou – como preferem Bawden e Robinson (2012), apoiados em Paul Hirst (1974), ao descrever disciplinas centradas em uma única forma de conhecimento – “campo da informação”, não há um conceito único, uniforme, que orienta a pesquisa e a prática em informação. Cada disciplina denota, já na sua nomenclatura, a natureza do seu objeto de estudo e trabalho. Na Biblioteconomia, os bibliotecários trabalham como agentes de captação, preservação, recuperação e análise de dados – e a natureza do seu objeto é claramente a informação registrada. O suporte informacional é condição para o processo de gestão da informação, e o acesso a este é o objetivo maior do serviço bibliotecário, que, por sua vez, oportuniza os benefícios do uso da informação.

A emergência da Ciência da Informação, à luz de cenário de revolução digital e elevação da informação como fator de desenvolvimento das mais variadas práticas de informação, evidencia a informação em todas as suas múltiplas formas ou manifestações, sobrepondo a dimensão material do documento registrado. Na medida em que evoluem, os estudos de informação experimentam, a cada nova

investigação, a necessidade de delimitação do seu objeto de estudo ante diferentes abordagens e tradições. Conforme Zins (2007, p. 341, tradução nossa):

O campo [da Ciência da Informação] parece seguir diferentes abordagens e tradições, por exemplo, abordagens objetivas versus abordagens cognitivas, e a tradição da biblioteca versus a tradição da documentação versus a tradição da computação. O conceito tem diferentes significados, o que implica diferentes domínios do conhecimento. Diferentes domínios do conhecimento implicam em diferentes campos. Mesmo assim, todos eles são representados pelo mesmo nome, ciência da informação. Não admira que acadêmicos, práticos e estudantes estejam confusos.

De fato, os teóricos da informação são desafiados regularmente a redefinir as bases fundamentais do campo. Zins (2007), em estudo internacional, no qual participaram 57 acadêmicos de 16 países, líderes em seus campos de interesse, registrou 50 definições diferentes de ciência da informação. Tendências, abordagens e perspectivas acumulam-se na medida em que se amplia o escopo dos fenômenos informacionais existentes. Segundo Gorichanaz e Latham (2019), a informação não pode ser limitada apenas aos seus objetivos epistêmicos, isto é, que é por meio dela que uma pessoa conhece e entende as coisas, em contextos formais (profissionais e acadêmicos). Na mesma linha, informação, no estudo de Serafim (2016), é manifestada não apenas nas práticas educacionais formais e informais de fisiculturistas competitivos amadores (por exemplo, cursos, vídeos, materiais impressos em geral, orientação mediada por instrutor, no momento da realização de atividades físicas). A apropriação da informação – preparação, construção de corpos, preparação e desempenho em competições – não depende apenas ao aprendizado das técnicas, mas de toda uma dimensão contextual – especialmente motivacional, que incluir lugares, ambientes (locais e virtuais), redes de contatos, músicas, família, relacionamentos, religião, dentre outros.


Para Capurro (2003), a noção de informação pode ser refletida a partir de três grandes paradigmas, em nível metateórico (HARTEL, 2010), a saber:

- a) o físico – concentra o ponto de vista tradicional das disciplinas de informação, como a Biblioteconomia, cujo foco é na informação como objeto tangível, isto é, o suporte informacional ou o documento, passível de ser manuseado e ser alvo das técnicas de tratamento da informação (análise descritiva e temática da informação). É a informação como coisa.
- b) o cognitivo – a informação é vista como um processo, um instrumento dinâmico em movimento, cuja natureza é imaterial e é gerada a partir da experiência da informação com as pessoas/usuários de informação. O cérebro humano e a mente humana assumem papel principal para a compreensão do processo informacional. O usuário é o personagem principal na teoria da informação, agora centrada nos “comportamentos da informação”. Destaca-se o lado humano, em complementariedade ao material.
- c) o sociocultural – a informação emerge da interação entre as pessoas (seres cognoscentes) e a dimensão sociocultural (corpo, ambientes, dimensões políticas e culturais, regimes de informação, contexto sociocultural, aspectos situacionais, cotidianidade da vida).


Segundo Talja, Tuominen e Savolainen (2005, p. 80), “o valor da pesquisa metateórica está no que ela potencialmente oferece ferramentas para identificar e considerar uma vasta gama de orientações teóricas e opções de desenvolvimento de soluções tecnológicas e práticas”. Trabalhando neste nível, Hartel (2019) sintetiza

variadas tendências sobre informação (descritas de modo escrito e visual), as quais representam as viradas (*turns*) do campo da Ciência da Informação, a saber: física, cognitiva, afetiva, neodocumentária, sociocognitiva, vida cotidiana e socioconstrucionista. Com a finalidade de desenvolvimento de uma estrutura conceitual metateórica de informação para a análise dos dados do Estudo Interdisciplinar *Isquare*, essas categorias, e descrições associadas, foram utilizadas como base. Além da abordagem da autora canadense, a equipe de pesquisa exercita a inclusão de outros estudos, alguns deles nacionais, nas categorias predeterminadas, bem como insere a categoria geral “virada contemplativa”, conforme é apresentado no Quadro 1.


**Quadro 1:** Instrumento de análise do Estudo Interdisciplinar *Isquare*, baseado nas Viradas de Informação de Hartel (2019)



	<p style="text-align: center;"><b>Ponto de partida: o paradigma físico</b></p> <p>Segundo Hartel (2019) o ponto de partida da Ciência da Informação e da Biblioteca (<i>Library and Information Science</i>) foi, e ainda é, a preocupação com o corpo de conhecimento relacionado à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização de informação. Nos anos de 1960, os primeiros experimentos com programas de pesquisa para a recuperação de informação, como o Cranfield e <i>System for the Mechanical Analysis and Retrieval Text (SMART)</i>, estabeleceram o paradigma físico: método empírico para testar variáveis dentro de um sistema de recuperação de informação. Por exemplo, testava-se em laboratório o desempenho de linguagens de indexação ou algoritmos de pesquisa.</p> <p>O paradigma físico marca das tradicionais disciplinas de informação, marcadas pela atenção maior por informação de natureza registrada. Malheiros (2006) destaca, à época da emergência da Documentação, com consequências ainda hoje, uma fissura no perfil dos profissionais bibliotecários e dos documentalistas. Os primeiros, centrados no paradigma custodial e patrimonial, originado em práticas em bibliotecas eruditas dos séculos XVIII e XIX, o qual indica a informação como tesouro e, portanto, a ser guardado, preservado. Os documentalistas, por sua vez, são orientados pelo pós-custodial, que indica instituições abertas, promovedoras do acesso aos conhecimentos por elas organizados. Enquanto os primeiros são orientados pelos suportes, os últimos, documentalistas, são orientados pelos conteúdos (informação).</p>
	<p style="text-align: center;"><b>A virada cognitiva</b></p> <p>Segundo Hartel (2019), nos anos de 1980, no limiar entre os estudos de recuperação da informação e comportamento de informação, surge a virada cognitiva. Esta resulta da constatação de que um sistema de recuperação de informação deveria refletir o mundo de pensamento do usuário, e que, deste modo, este deveria ser o principal objeto de investigação. Esta virada foi ancorada e ampliada por um capítulo “divisor de águas”, intitulado “Necessidades de informação e usos”, de autoria de Dervin e Nilan (1986), no <i>Annual Review of Information Science and Technology</i>, o qual contrastou o tradicional paradigma físico com uma abordagem alternativa centrada no usuário. Um conceito antropomórfico por</p>



	<p>excelência dessa virada foi o <i>sense-making</i> (DERVIN, 1983), uma teoria e metodologia para examinar o que acontece quando o senso interno de uma pessoa está exausto. Outra ideia associada à esta virada é a proposta por Belkin (1980): “Estados Anômalos de Conhecimento”. Semelhantemente, inclui-se nesta linha a concepção proeminente de “Necessidade de Informação”, de Wilson (1981). Por um longo tempo, a virada cognitiva, centrada no usuário, modificou a pesquisa em Ciência da Informação e biblioteca, de forte característica técnica associada à recuperação da informação e bibliometria para o estudo científico social do comportamento de informação humano, o qual constitui indiscutivelmente o nexo do campo nos dias de hoje.</p> <p>Figueiredo (1994) é uma das autoras brasileiras clássicas que versa sobre os estudos de usuários, e suas especificidades, a saber: a) estudos voltados para os modos de usos de determinado sistema; e b) estudos orientados para o usuário, os quais não são limitados à determinada instituição, e que se interessam por comportamentos de informação (<i>information behavior</i>) de indivíduos e grupos. A virada cognitiva é mais representada nesta última característica.</p>
	<p style="text-align: center;"><b>A virada afetiva</b></p> <p>Segundo Hartel (2019), na virada afetiva dos anos de 1990, a experiência emocional dos que buscam a informação se tornou assunto de interesse. Esta nova ênfase foi provocada pela percepção de Mellon (1986) sobre ansiedade em bibliotecas e as investigações seminais de Kuhlthau (1988, 1991) sobre a “montanha russa” emocional para alunos de Ensino Médio durante curso de trabalho escrito, resultando no modelo “Processo de Busca de Informação”. Da mesma forma, apresentou-se as visões holísticas de Chatman (1996) sobre os mundos de informação de populações marginalizadas. Essa virada representou a ascensão de métodos qualitativos concomitantes, como a etnografia, para acessar o domínio subjetivo do fenômeno informacional. Para sempre, a mudança afetiva inspirou sensibilidade, intimidade e humanidade no coração Ciência da Informação e biblioteca.</p> <p>De modo geral, estudos com abordagens mais holísticas, como os de natureza sociocognitivista e incorporada, como Hartel (2010), com cozinheiros <i>gourmets</i>, e Serafim (2016), com fisiculturistas competitivos, exploram a natureza afetiva (com destaque para as emoções positivas) das pessoas com a informação. Através de abordagens etnográficas, descrevem realidades de informação através de <i>histórias de vida</i> das pessoas (VAN MAANEN, c1988).</p> <p>Gumulak e Webber (2011) denunciam falta do lado afetivo nos padrões de competências em informação, como determinação, entusiasmo e curiosidade. Corroborando, Serafim e Freire (2016) ressaltam que, em contextos formais, é possível que o lado afetivo seja identificado de maneira negativa, como “incompetências em informação”, como conveniência e princípio do menor esforço na busca por informação.</p>



	<p>1930, por Butler (1933) e seu célebre aluno, Shera (1968), de quem a epistemologia social constitui-se uma ideia de natureza sociocognitiva. Atualmente, a volta sociocognitiva tem sido absorvida como sabedoria aceita pelo campo da Ciência da Informação e biblioteca.</p> <p>A concepção contextual, ou sociocultural, da informação é prevalente nos estudos contemporâneos. Por exemplo, naqueles que aplicam o conceito de Regime de Informação (GONZALEZ DE GOMEZ, 2012, p. 43), no qual os elementos informacionais são constituídos por “[...] sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em um certo tempo, lugar e circunstância. Como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem”.</p> <p>O emprego da expressão “práticas de informação” é originário de perspectiva social da informação, enquanto “comportamentos de informação” é típico das abordagens cognitivas (COX, 2012; FULTON; HENEFER, 2010; YU, 2011).</p>
	<p style="text-align: center;"><b>A virada da vida cotidiana</b></p> <p>Segundo Hartel (2019), na mudança do século, os proponentes de uma virada da vida cotidiana defendiam que as variadas faixas da experiência humana tinham sido negligenciadas pela pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteca. Eles buscavam compreender e celebrar o fenômeno informacional associado com rotinas ou experiências prazerosas e profundas da vida, onde o fenômeno informacional era supostamente diferente. Esta virada foi iniciada por Savolainen (1995) e Hektor (2001), os quais desenvolveram três modos conceituais essenciais para a pesquisa sobre <i>Everyday Life Information Seeking</i> (ELIS): estruturando o tempo na vida cotidiana, separando as atividades da vida das atividades da informação e expandindo o comportamento da informação para além da busca de informação, incluindo a criação, manipulação e compartilhamento de informações. Graças a esta virada, uma infinidade de experiências familiares, divertidas e significativas entrou nas fronteiras da pesquisa e prática da Ciência da Informação e biblioteca. Significativamente, esta volta preparou este campo para envolver, em suas pesquisas, fenômenos de informação baseados na Internet, os quais não são de trabalho (formal), mas que passaram a ser o centro da Era da informação, como jogos, YouTube e mídias sociais.</p> <p>Inserem-se aqui os estudos de lazer, pautados na noção de “práticas sociais de informação”, a qual representa práticas de informação em atividades do dia a dia das pessoas (isto é, práticas de informação não se restringem àquelas descritas majoritariamente pelos estudos de informação, como bibliotecas e outras instituições de informação). O lazer, por muito tempo, foi considerado uma atividade banal, discricionário, perda de tempo, atividade não-séria desmerecedora da investigação científica, mediante o argumento de que “a informação associada a esta atividade não</p>

	<p>seria igualmente banal?” (STEBBINS, 2009, p. 619, tradução nossa).</p>
	<p style="text-align: center;"><b>A virada socioconstrucionista</b></p> <p>Segundo Hartel (2019), no início dos anos 2000, a volta socioconstrucionista da Ciência da Informação e Biblioteca mudou a atenção analítica para os modos como a linguagem, na forma de discursos, constitui a base de conhecimento compartilhado da sociedade. Radicalmente, os engajados nesta visão defendiam que a Ciência da Informação e Biblioteca deveriam ter como objeto de estudo conversas, e não informação (TUOMINEN; TALJA; SAVOLAINEN, 2003). Um artigo fundamental desta perspectiva foi escrito por Frohmann (1992) – uma crítica ao ponto de vista cognitivo; um exemplo mais extensivo é a análise do discurso em torno de uma biblioteca de música, de Talja (2001). Metodologicamente, esta virada trouxe um entendimento mais sofisticado na natureza da linguagem e o seu lugar crucial na pesquisa em Ciência da Informação e biblioteca. A tendência crítica inerente ao construcionismo social também facilitou o caminho para as viradas posteriores da década de 2010, associadas a estudos culturais e de gênero.</p> <p>Um exemplo de estudo nesta linha é o realizado por Pinto <i>et al.</i> (2020), ao analisar o léxico das comunidades indígenas do Estado do Ceará na designação de doenças com fins de construção de vocabulário controlado. Nesta pesquisa, relaciona-se nomes de doenças em fontes populares com a terminologia especializada – Código Internacional de Doenças (CID-10) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, c2021).</p>
	<p style="text-align: center;"><b>A virada incorporada</b></p> <p>Segundo Hartel (2019), emerge em meados dos anos 2000, associada à pesquisa de comportamento em informação (<i>information behavior</i>) e competências em informação (<i>information literacy</i>). Os devotados a este assunto perguntam: como trazemos o corpo como foco, como assunto de pesquisa do campo da Ciência da Informação e biblioteca? (OLSSÓN; LLOYD, 2017). Esta volta fundamenta-se em teorias sociais sobre o corpo, por exemplo: Merleau-Ponty, Foucault e Goffman. Os documentos fundamentais incluem os estudos de Lloyd (2007) sobre bombeiros e motoristas de ambulâncias (2009), bem como os estudos de Ollson (2010, 2016) com profissionais de teatro e arqueólogos, respectivamente. A virada incorporada é o próximo passo lógico em uma progressão do corpo &gt; mente &gt; corpo na pesquisa em Ciência da Informação e biblioteca, visando um entendimento holístico da experiência da informação humana.</p> <p>Nesta linha, Serafim (2016) descreve práticas de informação de fisiculturistas competitivos amadores à luz da noção de competências em informação (<i>information literacy</i>). O senso epistêmico da aprendizagem informacional, com toda a sua racionalidade expressada por diretrizes e padrões de competências em informação, característicos dos “contextos menores da vida” (atividades humanas formais, reconhecidas socialmente, focadas na resolução de problemas e sobrevivência), é confrontado com variáveis de “contextos</p>

	<p>maiores da vida” (atividades prazerosas e profundas) (KARI; HARTEL, 2007, p. 1131). Através da lente teórica do lazer levado a sério (<i>The Serious Leisure Perspective</i>) (STEBBINS, 2009), o lazer sério dos fisiculturistas competitivos é escrutinado, no qual suas práticas informacionais são descritas para além dos objetivos epistêmicos (por exemplo, conhecimento científico e qualificação profissional em universidades, livros, vídeos e outros documentos). De fato, para a efetiva preparação, construção de corpos, desempenho em campeonatos, são essenciais fontes “extras” de informação, de cunho motivacional, como lugares, ambientes, objetos, maquinários, músicas, redes sociais, relacionamentos amorosos e amizades dentre outros elementos contextuais. Sobrepondo a mera precisão de medidas corporais e desempenho em campeonatos, os participantes são motivados por experiências prazerosas e profundas, por exemplo, orgulho, paixão, propósito de vida, estilo de vida, superação, amor, satisfação, altruísmo, amizade, companheirismo, dentre outros.</p>
	<p><b>A virada contemplativa</b> (categoria inserida)</p> <p>Interseção entre os estudos contemplativos e de informação. Estudos contemplativos abrangem tradições espirituais, como o Budismo e o Taoísmo, tradições científicas, como terapia cognitiva e redução do <i>stress</i> baseada em <i>mindfulness</i> (atenção plena), como arte, desempenho e escrita visual. Práticas contemplativas possuem, pelo menos, dois focos: a) um conjunto de abordagens, disciplinas e métodos, geralmente reunidos em torno da meditação; b) experiência contemplativa, descrita em termos de interioridade, presença, absorção, silêncio, transformação, significado de vida, objetivos, <i>insight</i>, serenidade etc. A experiência contemplativa pode ser expressa em qualquer atividade humana (sentar-se, dançar, comer), isto é, a contemplação não se limita à uma determinada atividade (GORICHANAZ; LATHAM, 2019; LATHAM; HARTEL; GORICHANAZ, 2020).</p> <p>A relação entre contemplação e informação é mais observada no passado, como por exemplo, nas práticas de escrita de cartas e diários na Grécia e Roma antiga (uma prática altamente informacional, cujos objetivos não eram exclusivamente epistêmicos). Em instituições como bibliotecas, as primeiras descreviam-se como <i>Casa para Cura da Alma</i>. Apesar das práticas da biblioterapia tenham minguado nos estudos de informação após grande popularidade durante o século XX, a contemplação está de volta. Bibliotecas públicas estadunidenses estão oferecendo aulas de meditação, yoga. Bibliotecas acadêmicas oferecem lugares para meditação e oração para diferentes religiões. O silêncio – que não é simplesmente falta de som, mais impregnado de significados e possibilidades – é uma <i>commodity</i> rara na Era do barulho (GORICHANAZ; LATHAM, 2019).</p> <p>Segue esta tendência outras instituições, como museus, galerias, arquivos, e tecnologias de informação em geral, as quais, mais do que tornarem as pessoas mais efetivas e produtivas, devem contribuir para desacelerarem (<i>go slow</i>), a</p>

	<p>realizarem reflexões introspectivas, facilitar que as pessoas conheçam quem elas realmente são, a identificar os seus problemas reais, a responder mais plenamente à beleza, a valorizar à vida (GORICHANAZ; LATHAM, 2019). Gorichanaz (2020) propõe a noção de “santuário” como um guia para instituições na Era digital, pautado na relação entre informação e contemplação, estruturado em cinco elementos: estabilidade, silêncio, refúgio, privacidade e reforma.</p> <p>Gorichanaz e Latham (2019) propõem seis aspectos contemplativos da informação: a) ser (<i>being</i>): senso de presença e história; b) atenção (<i>attention</i>): consciência, observação e presença; c) propósito/significado (<i>meaning</i>): o que contribui para alguém ser uma pessoa, o que faz a vida dela ser valorizada; d) compaixão (<i>compassion</i>): reconhecimento, reação e ação para sofrimentos e insatisfações do mundo; e) unidade (<i>unity</i>): reconhecimento da unidade corpo e mente ; f) sabedoria (<i>wisdom</i>): unidade de pensamento, emoção e ação.</p>
--	--

**Fonte:** Adaptado de Hartel (2019).

Além da inclusão de estudos aleatórios na descrição das categorias pré-determinadas de Hartel (2019), inseriu-se outra categoria geral – Informação e Contemplação – fruto da experiência de um dos pesquisadores no grupo de estudo *The Information and Contemplation Salon*, o qual reúne mensalmente, virtualmente, desde o ano de 2019, pesquisadores em Ciência da Informação do Canadá (Universidade de Toronto, Universidade de Alberta, Universidade de Western Ontário), Estados Unidos (Universidade de Drexel, Universidade de Washington, Universidade do Estado de Michigan) e Brasil (Universidade Federal do Cariri) interessados na emergente disciplina dos estudos de contemplação.

Neste grupo, dá-se continuidade a busca por não limitar a informação à “contextos menores da vida”, isto é, ao papel da informação na resolução de problemas, trabalho, doenças, tarefas (KARI; HARTEL, 2007, p. 1131). Em contrapartida, interessa-se pela relação entre informação e alegria, liberdade, empatia, compaixão (para si e para com os outros), propósito de vida, bem-estar pessoal e social, autoconhecimento, espiritualidade, corpo, mente, música, dança, sexo, natureza, amor, amizade, felicidade, plenitude, família, sorrisos, abraços, realização, gratidão, serenidade, orgulho, satisfação, humor, jogos, criatividade, tecnologias, sabedoria, humildade intelectual, silêncio como uma virtude intelectual, ética, gratidão, qualidades (positivas) de vida, formas alternativas de ensino e avaliação (como meditação *mindfulness* em sala de aula, *ungrade* e *liberating structures*), práticas meditativas em instituições de informação (biblioteca, museus, galerias, arquivos), artes, dentre outros assuntos indicados como “coisas maiores da vida” (KARI; HARTEL, 2007, p. 1131). Este grupo de pesquisa desenvolve painéis, workshops, cursos, números especiais em periódicos (como o número especial do periódico *Library Trends* intitulado “*The Joy of Information*”, a ser publicado no ano de 2021), dentre outras atividades.

## 4 CONCLUSÃO

Possibilitou-se, com este trabalho, revisitar os variados pontos de vista sobre a informação na contemporaneidade, claramente não limitados aos contextos de informação formais – como os acadêmicos e profissionais – já bastante teorizados na literatura especializada. A informação assume papel essencial em vasto conjunto de práticas sociais, as quais devem ser investigadas pelos estudiosos da informação. Corroborar-se com Wilson (2010, tradução nossa), ao conclamar

[...] vamos expandir, alcançar, abraçar e explorar o mundo mais largo de informação, para desenvolver uma visão de Ciência da Informação como uma disciplina central que sintetiza o entendimento não simplesmente da informação, mas do mundo em que vivemos. Porque o mundo em que vivemos é certamente um mundo de informação.

Fundamentados na Ciência da Informação – uma meta-disciplina interessada em variados aspectos da informação – este trabalho revisita a natureza da informação no campo da informação – caracterizando disciplinas com objetivos singulares, como a Biblioteconomia (e seu interesse nos suportes bibliográficos, ou na informação registrada). Mas é no lado imaterial, não tátil, e sobretudo de práticas sociais de informação pouco exploradas ou negligenciadas pelos tradicionais estudos de informação, que este trabalho se dedica a ressaltar outras dimensões de informação.

Múltiplas expressões ou manifestações de informação reforçam o fato de que a informação biblioteconômica (ou informação registrada) é apenas uma parte do que se considera o fenômeno informacional. Isto implica que a eficiência dos tradicionais sistemas de informação, como as bibliotecas, depende do reconhecimento das multiformas da informação. Posto de outro modo, o produto de todo o trabalho de quem organiza informação com visões de facilitar o seu acesso e o uso (efetivo, de modo crítico, com possibilidades de solução de problemas e desenvolvimento pessoal e social) resulta não apenas da relação entre informação e máquinas, mas igualmente da relação entre informação e variados elementos – físicos, corporais, cognitivos (cérebro/mente), políticas (econômicos, culturais), ambientes, tecnologias de informação e comunicação, lugares, período histórico/tempo.

Para os estudiosos de informação, principalmente novatos (estudantes da graduação ou pós-graduação), a tarefa obrigatória de compreender o seu objeto de estudo e, futuramente, trabalho, é muitas vezes complexa. Qual a natureza dos serviços de informação de determinada biblioteca ou serviços de informação? Esses serviços estão alinhados às novas realidades informacionais da contemporaneidade? Em quais modalidades de informação determinada biblioteca poderia inovar nos seus serviços? A linguagem visual – base do Estudo Interdisciplinar *Isquare*, em andamento – pode facilitar a compreensão das multidimensões da informação, sintetizadas neste instrumento de análise dos *isquares* a serem coletados na próxima fase da pesquisa.

Por fim, ressalta-se a utilidade deste instrumento conceitual como estimulador do interesse e entendimento do público em geral sobre o objeto de estudo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, mediante modo comunicacional mais lúdico proposto pelo protocolo *isquare*.

## REFERÊNCIAS

- BAGNOLI, Anna. Beyond the standard interview: the use of graphic elicitation and artsbased methods. **Qualitative Research**, [s. l.], v. 9, n. 5, p. 547-570, 2009.
- BAWDEN, D.; ROBINSON, L. What is information science? Disciplines and professions. In: BAWDEN, D.; ROBINSON, L. **Introduction to information science**. London: Facet Publishing, 2012. cap. 1.
- BELKIN, N. J. Anomalous states of knowledge as a basis for information retrieval. **The Canadian Journal of Information Science**, [s. l.], v. 5, p. 133-143, 1980.
- BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Técnicas, 1951.
- BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/L13709compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13709compilado.htm). Acesso em: 27 fev. 2021.
- BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.
- BUTLER, L. P. **An Introduction to library science**. Chicago: University of Chicago Press, 1933.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para o uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CHATMAN, E. The Impoverished life-world of outsiders. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 47, n. 3, p. 193-206, 1996.
- CIBANGU, Sylvain K. Information science as a social science. **Information Research**, [s. l.], v. 15, n. 3, set. 2010.
- COX, Andrew M. An exploration of the practice approach and its place in information science. **Journal of Information Science**, Londres, v. 38, n. 2, p. 176-188, 2012.
- COX, Andrew M.; GRIFFIN, Brian; HARTEL, Jenna. What everybody knows: embodied information in serious leisure. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 73, n. 3, p. 386-406, 2017.
- DERVIN, B. An overview of sense-making research: concepts, methods, and results to date. INTERNATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION ANNUAL MEETING, Dallas, TX, 1983. **Anais** [...]. Dallas, TX, 1983.



DERVIN, B.; NILAN, M. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, [s. l.], v. 21, p. 3-33. 1986.

FIDEL, Raya. Are we there yet?: Mixed methods research in library and information science. **Library & Information Science Research**, [s. l.], v. 30, p. 265-272, 2008.

FIGUEIREDO, Nice Menezes. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FROHMANN, B. The power of images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 48, n. 4, p. 365-386, 1992.

FULTON, Crystal; HENEFER, Jean. Information practice. *In*: **ENCYCLOPEDIA of Library and Information Science**. 3 ed. New York: Taylor and Francis, 2010. p. 2519-2525.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012.

GORICHANAZ, Tim. Minting the obverse: library and Information Studies as a one-sided coin. **Journal of Critical Library and Information Studies**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2017.

GORICHANAZ, Tim. Sanctuary: an institutional vision for the digital age. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 77, n. 1, p. 1-17, 2020.

GUMULAK, Sabina; WEBBER, Sheila. Playing video games: learning and information literacy. **Aslib Proceedings: New Information Perspectives**, [s. l.], v. 63, n. 2/3, p. 241-255, 2011.

HARPER, Douglas. An argument for visual sociology. *In*: PROSSER, Jon (ed.). **Image-based research: a sourcebook for qualitative researchers**. London: Routledge Falmer, c1998.

HARTEL, Jenna. Time as a framework for information science: insights from the hobby of gourmet cooking. **Information Research**, [s. l.], v. 15, n. 4, dez. 2010.

HARTEL, Jenna. Turn, turn, turn. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 10., 2019, Ljubljana. Proceedings [...]. **Information Research**, [s. l.], v. 24, n. 4, dez. 2019. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/24-4/colis/colis1901.html>. Acesso em: 01 fev. 2020.

HARTEL J.; THOMSON, Leslie. Visual approaches and photography for the study of immediate information space. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [s. l.], v. 62, n. 11, p. 2214-2224, 2012.

HEKTOR, A. **What's the use: internet and information behavior in everyday life**. 2001. Dissertation (Doutorado) – Linköping University, Linköping, Sweden, 2001.

HIRST, P. **Knowledge and the curriculum**. London: Routledge and Kegan Paul, 1974.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science. Eleven approaches - traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

JOSEPH, Pauline; HARTEL, Jenna. Visualizing information in the records and archives management (RAM) disciplines using Engelhardt's graphical framework. **Records Management Journal**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 234-255, 2017.

KARI, J.; HARTEL, J. Information and higher things in life: Addressing the pleasurable and the profound in information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [s. l.], v. 58, n. 8, p. 1131-1147, 2007.

KUHLTHAU, C. C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991.

KUHLTHAU, C. C. Developing a model of the library search process: cognitive and affective aspects. **RQ**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 232-42, 1988.

LATHAM, K. F.; HARTEL, J.; GORICHANAZ, T. Information and contemplation: a call for reflection and action, **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 76, n. 5, p. 999-1017, 2020.

LLOYD, A. Informing practice: information experiences of ambulance officers in training and on-road practice. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 65, n. 3, p. 396-419, 2009.

LLOYD, A. Learning to put out the red stuff: becoming information literate through discursive practice. **Library Quarterly**, [s. l.], v. 77, n. 2, p. 81-98, 2007.

LUND, N. W. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, [s. l.], v. 43, p. 399-432, 2009.

MASON, J. Mixing Methods in a Qualitatively Driven Way. **Qualitative Research**, [s. l.], v. 6, n. 9, p. 9-25, 2006.

MELLON, C. Library anxiety: a grounded theory and its development. **College & Research Libraries**, [s. l.], v. 47, n. 2, p. 160-165, 1986.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados com a saúde (CID-10)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, c2021. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?%20area=060203>. Acesso em: 27 fev. 2021.

OLIVEIRA, Adriana Silva de Oliveira. **Desvendando a autoridade colaborativa na e-science sob a ótica dos direitos de propriedade**

**intelectual**. 2016. 300 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLSSON, M. All the world's a stage - the information practices and sense-making of theatre professionals. **Libri**, [s. l.], v. 60, p. 241-252, 2010b.

OLSSON, M. The play's the thing: theater professionals make sense of Shakespeare. **Library & Information Science Research**, [s. l.], v. 32, n. 4, p. 272-280, 2010a.

OLSSON, M.; LLOYD, A. Being in place: embodied information practices. **Information Research**, [s. l.], v. 22, n. 1, 2017.

OTLET, P. **Traité de documenatation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Editiones Mundaneum, 1934.

PINTO, Virgínia Bentes *et al.* O léxico das comunidades indígenas do Ceará na designação de doenças: reflexões para a construção de vocabulário controlado. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p.171-193, jun. 2020.

PROSSER, J.; LOXLEY, A. Introducing visual methods. **ESRC National Centre for research methods review paper**, [s. l.], n. 10, 2008.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of way of life. **Library & Information Science Research**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995.

SERAFIM, L. A. **Competências em informação e the serious leisure perspective**: um novo espaço de interlocução. 213 f. 2016. Doutorado (Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SERAFIM, Lucas Almeida; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 36-59, maio/ago. 2016.

SERAFIM, Lucas Almeida *et al.* Desenhando informação na sala de aula: a participação brasileira na coleta de dados do projeto internacional *isquare*. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 4, p. 66-77, out./dez. 2016.

SHERA, J. H. An epistemological foundation for library science. *In*: MONTGOMERY, E. B. (ed.). **The foundations of access to knowledge**: a symposium. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1968. p. 7-25.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

STEBBINS, Robert A. Leisure and its relationship to library and information science: bridging the gap. **Library Trends**, [s. l.], v. 57, n. 4, p. 618-631, 2009.

TALJA, S. **Music, culture, and the library**: an analysis of discourses. London: The Scarecrow Press, 2001.

